

[ TT00190 ]

## O caixeiro da taverna

Martins, Pena

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

## O caixeiro da taverna

### PERSONAGENS.

MANUEL, primeiro caixeiro.

ANGÉLICA, dona de casa.

DEOLINDA, costureira.

FRANCISCO, oficial de latoeiro.

QUINTINO, sargento de fuzileiros.

ANTÔNIO, caixeiro.

JOSÉ, caixeiro, personagem muda.

A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro

## UNICO

### CENA I

(O teatro, na antecena, representa uma sala com portas laterais e suas no fundo, pelas quais se vê o interior de uma taverna com seu balcão, onde estará um caixeiro e mais arranjos necessários tudo distribuído de modo tal, que fiquem bem a vista do espectador as pessoas de diferentes condições que entram na taverna durante a representação. De um e outro lado da sala, haverão algumas pipas, como é costume nas tavernas. No primeiro plano, a esquerda, uma escrivaninha apropriada ao lugar, etc.)

(Ao levantar do pano) (MANUEL estará sentado a escrivaninha, verificando contas.)

MANUEL - (CONTINUANDO A SOMAR) ...E 4 são 10, e 9, 19, e 7, 26, soma tudo...duzentos e sessenta e oito mil trezentos e vinte réis...que deve o Sr. Laurindo da Costa à Viúva Pereira, por gêneros comprados em sua taverna durante cinco meses. Êste é bom pagador, dinheiro seguro. (PEGANDO EM OUTRA CONTA.) O Major José Felix deve à Viúva Pereira, etc., cento e vinte e nove mil e oitocentos réis...Contem com êste...dinheiro perdido...É isto, querem todos comer a boa manteiga, o queijo frescal, o gordo paio...É só mandar um bilhetinho: Sr. Manuel, mande-me isto; SR. Manuel, mande-me aquilo; mas quando chega a ocasião de pagar as contas é que são elas. Êste não paga, aquêle desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador...É um inferno!... Ora, dêste pobre major tenho eu pena. Mal lhe chega o sôldo para pagar casa e educar quatro filhos que tem; mas, bem pensando, a venda de minha ama não é montepio militar... A nação que pague! (CHAMANDO:) Ó José? José?

## CENA II

(ENTRA UM MENINO DE DOZE ANOS, DE CALÇA E EM MANGAS DE CAMISA, CALÇADO DE TAMANCOS E MUITO SUJO.)

MANUEL - Toma estas contas, vai cobrá-las. Os nomes aí estão (DÁ UM MAÇO DE PAPÉIS.) Se algum dos devedores não quiser pagar, dize-lhe que o mandarei pôr no Jornal do Comércio. Anda, vai. (O MENINO SAI.) É o que se vê - tudo anda pingando. (LEVANTANDO-SE:) É boa! Quem come, pague! E quem não pode pagar, não coma...Ó SR. Antônio? Sr. Antônio?

ANTÔNIO - (DENTRO) - Senhor?

MANUEL - Chegue cá.

## CENA III

(MANUEL a Antônio, que entra do mesmo modo que José - Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar Trapiche da Ordem?)

ANTÔNIO - Já, sim senhor.

MANUEL - Pois recolha-a, e logo à noite tempere-a com quatro barris de água.

ANTÔNIO - Sim senhor.

MANUEL - Os direitos cada vez estão mais subidos, e como não podemos encurtar as medidas, aumentamos o líquido...Em que estado estão aquelas pipas de vinho de Lisboa?

ANTÔNIO - Ambas pelo meio.

MANUEL - Pois acabe de as encher com água fresca e bote-lhe dentro dois engaos de bananas e uma porção de pau-campeche para lhe dar cô e tom; e quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da Companhia do ALTO-DOURO.

ANTÔNIO - Sim senhor.

MANUEL - E não se esqueça de pendurar à porta êste letreiro. (TIRA DE SÔBRE A CARTEIRA UM RÓTULO COM LETRAS GRANDES, QUE DIGAM: ÚNICO DEPÓSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO.) O público deixa-se levar por estas imposturas. Pode ir. (ANTÔNIO SAI COM O RÓTULO)

## CENA IV

(MANUEL e depois FRANCISCO)

MANUEL - Estou fatigado! Muito custa dirigir-se uma venda bem afreguesada como esta. Mas, ah, se eu dela fôsse dono, outro galo cantaria... Há seis anos que cheguei do Pôrto e ainda sou caixeiro. Não pensei, quando vim para o BRASIL, que fizesse fortuna tão devagar. É verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viúva de meu amo, mas o que é isto para mim? Para mim, que sou ambicioso? Sim, uma ambição roedora me estraga a alma, dorme e acorda comigo, não me deixa um só instante tranqüilo; traz-me em delírio, confunde-me as idéias. Ah, quantas vezes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do Reino, lingüiças por paios e cebolas por alhos! Ambição, horrível martírio, quando te verei satisfeita?  
(ENTRA FRANCISCO)

FRANCISCO - Adeus, Manuel.

MANUEL - Como estás, Chico?

FRANCISCO - Vamos remando, contra a maré.

MANUEL - Chico, tu és bem feliz!

FRANCISCO - Eu? estás enganado; no mundo não se pode ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

MANUEL - Trabalha e terás.

FRANCISCO - Trabalha! Sou, como bem sabes, oficial de latoeiro, e já por muitas vezes te tenho dito o que presentemente ganha um oficial de latoeiro. Olha, Manuel, minha avó dizia que no tempo dos vice-reis e mesmo no tempo de el-rei, qualquer que tivesse um ofício ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro. Agora o caso é outro.

MANUEL - Deixa-te disso.

FRANCISCO - Ora, dize-me, o que pode fazer um pobre latoeiro de país, quando a Rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas franceses? Meu caro, se não fôssem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei o que seria de nós.

MANUEL - Se vocês trabalhassem tão bem como eles...

FRANCISCO - É um engano, é uma mania, e todos vão com ela; é obra estrangeira, e basta! Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, dentistas americanos, maquinistas ingleses, médicos alemães, relojoeiros suíços, cabeleireiros franceses, estrangeiros de tôdas as seis partes do mundo. E resistem os artistas do país, se são capazes, a essa torrente! Porém meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou.

MANUEL - Como assim?

FRANCISCO - Em lugar de ensinar-me o seu ofício, como ensinou-me, podia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis. Bem podia estar deputado.

MANUEL - Ah, ah, ah! Dêste modo podemos ser tudo...

FRANCISCO - Manuel, tu és filho de Portugal e não está bem ao fato da nossa Constituição. Ela diz: A lei é igual para todos. Isto quer dizer que todos podem ser tudo.

MANUEL - Ah, entendes assim?

FRANCISCO - No talento é que está a diferença. O homem de talento pode ser tudo quanto

quiser, e tu bem sabes que eu tenho talento...Ainda ninguém pôde fazer, como eu, uma seringa de entrudo que esguiche água mais longe.

MANUEL - Ora, Chico! (SORRINDO-SE)

FRANCISCO - Ora, Manuel, não sei o que te diga; às vezes custa mais fazer-se uma seringa de esguicho do que certas leis.

MANUEL - Estás hoje pregador.

FRANCISCO - Estou zangado; tu és feliz.

MANUEL - Feliz?

FRANCISCO - Há oito meses que teu amo morreu e a viúva não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxílio. Eras o único, como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto.

MANUEL - (À PARTE E CONCENTRADO) - E ainda sou caixeiro.

FRANCISCO - Manuel, um negócio aqui me traz. És meu amigo, devo comunicar-te, até porque és nele interessado.

MANUEL - Interessado? E como?

FRANCISCO - Estou resolvido a casar-me.

MANUEL - Queres-me dar interêsse no teu casamento?

FRANCISCO - Não. A mulher escolhida por mim é tua ama.

MANUEL - Minha ama?

FRANCISCO - Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferente.

MANUEL - (PEGANDO-LHE NO BRAÇO) - Chico, és meu amigo?

FRANCISCO - Duvidas? Experimenta.

MANUEL - Desiste dêsse casamento.

FRANCISCO - Que eu desista? E por quê?

MANUEL - Por quê? Não te posso dizer.

FRANCISCO - Percebo...Queres-te casar com ela. Pois bem, mostrarei que sou teu amigo. Casa-te; tens mais direito do que eu...já estás em casa.

MANUEL - (ABRAÇANDO-O) - Obrigado, amigo.

FRANCISCO - Pois bem, casar-me-ei com a nossa vizinhança Deolinda.

MANUEL - Chico, tu não te casará com Deolinda!

FRANCISCO - Hem?

MANUEL - Digo-te que não casarás com ela.

FRANCISCO - Essa agora é melhor! E por que não me casarei?

MANUEL - A Deolinda já está casada.

FRANCISCO - Casada? E com quem?

MANUEL - (EM VOZ BAIXA) - Comigo.

FRANCISCO - Contigo? Mas que diabo de trapalhada é essa? És casado e queres casar?

## O caixeiro da taverna

MANUEL - Chico, olha atentamente para mim.

FRANCISCO - Estou olhando.

MANUEL - Vês em mim um homem profundamente ambicioso...

FRANCISCO - Tu?

MANUEL - Sim, eu! E de uma ambição tão frenética, que me levará à sepultura se a não vejo realizada...De uma ambição ambiciosa!

FRANCISCO - Tu me assustas! Acaso queres ser major da Guarda Nacional?

MANUEL - (COM DESPRÊZO) - Não.

FRANCISCO - Chefe de legião?

MANUEL - Não.

FRANCISCO - Tenente-general?

MANUEL - Não.

FRANCISCO - Conde? Marquês? Ministro?

MANUEL - Não.

FRANCISCO - Manuel, Manuel, que queres tu ser?

MANUEL - (COM MISTÉRIO) - Sócio de minha ama!

FRANCISCO - (RINDO-SE) - Ah, ah! E só isso?

MANUEL - Só, dizes tu? E que felicidade pode haver no mundo maior para mim? Ah, não sabes que satisfação será a minha, quando escrever em uma conta: Fulano deve a Manuel Pacheco e Viúva Pereira a quantia de tanto, por gêneros comprados em sua venda. SUA, amigo, sua! Ela será também minha!

FRANCISCO - Enfim, cada um tem lá ambição a seu modo.

MANUEL - E ainda sou caixeiro! Caixeiro! Sabes tu o que é um caixeiro? É um traste que paga imposto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.

FRANCISCO - Mas não vejo por que não queres que eu case com tua ama.

MANUEL - Não vês?

FRANCISCO - Logo que estiver casado, prometo dar-te sociedade.

MANUEL - Sabes tu se ela te ama?

FRANCISCO - Julgo que não lhe sou indiferente.

MANUEL - Pois digo-te eu que ela não te ama, porque ama-me.

FRANCISCO - A ti?

MANUEL - Sim, e de uma maneira desesperada e danada. Amigo, Deus te guarde de amor de mulher velha; é pior do que carrapato em orelha de burro. Compreendes agora a minha posição?

FRANCISCO - Ainda não muito bem.

MANUEL - Por amor - maldito amor! -, casei-me em segredo com Deolinda; nem o seu próprio irmão, o Sargento Quintino, já sabe. Pensa agora o que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher...Raivosa, expulsar-me-á desta casa e

minhas esperanças serão malogradas. É preciso enganá-la até o dia em que assinarmos a escritura de sociedade.

ANGÉLICA - (DENTRO) - Manuel?

MANUEL - Ela que me chama! Vai-te embora!

FRANCISCO - Adeus, e estimo que sejas bem sucedido.

MANUEL - Nem palavra...

FRANCISCO - Fica descansado. (SAI)

## CENA V

(MANUEL e depois ANGÉLICA.)

MANUEL - Ela aí vem. Estou frio! Ai, que bocado amargoso! Ei-la.

ANGÉLICA - (ENTRANDO) - Manuel?

MANUEL - Senhora minha ama?

ANGÉLICA - Ah, já estava inquieta...

MANUEL - Oh, isso é bondade de minha ama. Trabalhava.

ANGÉLICA - Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer. Far-me-ias muita falta.

MANUEL - Ninguém faz falta.

ANGÉLICA - As pessoas como tu fazem sempre falta.

MANUEL - (À PARTE) - Temo-la!

ANGÉLICA - Não se encontram muitos caixeiros como tu.

MANUEL - Oh, minha ama, dá licença que vou ver aquilo lá pelo balcão como vai.

ANGÉLICA - Espera! Tens sempre tanta pressa quando falo contigo...

MANUEL - Acudir as minhas obrigações.

ANGÉLICA - Já te disse que não quero que te mates. Não acharei outra pessoa com as tuas qualidades.

MANUEL - Oh, minha ama, não mereço.

ANGÉLICA - Merece tudo. A experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens.

MANUEL - (À PARTE) - Que tal a experiência?

ANGÉLICA - É todo o meu cuidado zelar a tua saúde.

MANUEL - Tanta bondade!

ANGÉLICA - (SUSPIRANDO E OLHANDO PARA ELE.) - Ai, ai!

MANUEL - Minha ama, sente alguma dor?

ANGÉLICA - Não.

MANUEL - (À PARTE) O caso está mau.

ANGÉLICA - Manuel, uma coisa te quero eu pedir.

MANUEL - É uma ordem que recebo.

ANGÉLICA - Espero que não freqüentes certas ruas desta cidade e que, sobretudo, não arranches para essas patuscadas dos domingos, que fazem os caixeiros no Jardim Botânico, nos canos da Carioca e nas Paineiras. Tens visto o resultado.

MANUEL - Nunca gostei dêsses pagodes.

ANGÉLICA - Nem deves do mesmo modo freqüentar os bailes mascarados.

MANUEL - Bailes? Não sei dançar.

ANGÉLICA - Manuel, nos bailes mascarados não se dança, joga-se! Dever-se-iam antes

chamar jogos mascarados, ou outro nome que eu não quero dizer. Aí é que a perdição é certa...E o jogo tem levado muita gente boa a fôrca; vê lá se queres também...

MANUEL - Morrer enforcado? Nada!

ANGÉLICA - Tu morreres? Ah! (CHEGANDO-SE PARA ELE: ) O que seria de mim, quero dizer, da minha venda, Manuel? Não fales em morrer. (PEGANDO-LHE NA MÃO:) Eu te seguiria...

MANUEL - (À PARTE) - Oh, homem, até depois de morto!

ANGÉLICA - (CAINDO EM SI, À PARTE.) - Ia traindo-me (ALTO : ) Digo-te isto, porque se me faltares, o meu negócio vai por água abaixo.

## CENA VI

(MANUEL, ANGÉLICA E QUINTINO com farda de sargento de fuzileiros.)

QUINTINO - (ENTRANDO) - Licença.

MANUEL - (À PARTE) - Abençoada visita!

ANGÉLICA - Quem é?

QUINTINO - Um criado.

MANUEL - (RECONHECENDO-O EM PARTE) - Oh, diabo, é o irmão de minha mulher e meu cunhado sem o saber!

ANGÉLICA - Deseja alguma coisa?

QUINTINO - Dois dedos de conversa ali com o Sr...

MANUEL - Comigo?

QUINTINO - Sim senhor.

MANUEL - Pois vamos cá para fora.

ANGÉLICA - Espera, Manuel, onde vas?

QUINTINO - Podemos falar aqui mesmo.

MANUEL - (À PARTE) - Eu tremo...

QUINTINO - (PONDO A BARRETINA À CABEÇA, DE LADO) - Dizem neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.

MANUEL - Não há tal.

ANGÉLICA - Como é lá isso?

MANUEL - (À PARTE) - Estou arranjado...

QUINTINO - Foi a primeira notícia que hoje tive, assim que cheguei da Praia Vermelha. O sapateiro da esquina disse-me...

ANGÉLICA - (ENFURECIDA) - Como é isto, Manuel?

MANUEL - O senhor está enganado. (PARA ANGÉLICA:) Não sabe o que diz, está bêbado.

QUINTINO - O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar ontem à noite lá.

ANGÉLICA - Entrar lá?

MANUEL - E o que prova isso?

ANGÉLICA - O que prova? E esta!...

MANUEL - Sua irmã não cose para fora?

QUINTINO - Cose, sim senhor, e com muita honestidade.

MANUEL - Pois então? Mandei fazer por ela umas camisas e fui ontem ver se estavam prontas; se quiser, vá perguntar-lhe.

QUINTINO - Se foi só por isso, o caso é outro...

MANUEL - E por que mais havia de ser? Importo-me cá com sua irmã? O que tenho eu com sua irmã? Faço lá caso dela? (À PARTE: ) E não me quer deitar a perder?

ANGÉLICA - Manuel!

MANUEL - Deixe-me.

QUINTINO - Está bom, homem.

ANGÉLICA - Manuel!

MANUEL - Estou zangado! Assim se desacredita ao homem de bem.

QUINTINO - Em uma palavra, não a namora?

MANUEL - Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e toda a sua parentalha.

QUINTINO - Mais respeito!

MANUEL - Pois não me esquite a cabeça! Ora, não tenho eu mais que fazer! Deixar de cuidar nos interesses de minha boa ama, para namorar sua irmã. Era o que me faltava...Diga ao sapateiro que vá conversar com os defuntos. Irra!

QUINTINO - Basta. Como não se importa com ela...

MANUEL - Nem com você, sô barbaças!

QUINTINO - (PUXANDO DA ESPADA) - Barbaças? (MANUEL CORRE PARA TRÁS DE ANGÉLICA.)

ANGÉLICA - (PARA QUINTINO) - Senhor!

QUINTINO - Barbaças? Eu te ensinarei.

ANGÉLICA - Senhor sargento...

QUINTINO - Deixe-me sangrá-lo.

MANUEL - (À PARTE) - Quer fazer a irmã viúva...

ANGÉLICA - (PARA QUINTINO) - Tranqüilize-se, embainhe essa espada.

QUINTINO - (PARA MANUEL ) Já eu te rezava por alma. Respeito as senhoras; é o que te salva.

MANUEL - (À PARTE ) Belo cunhado!

ANGÉLICA - O senhor sargento pode ficar descansado; o Sr. Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.

MANUEL - Que dúvida!

ANGÉLICA - Tem outras coisas em que cuidar.

MANUEL - Sim, tenho outras muitas coisas. (ASSIM DIZENDO, PEGA NA MÃO DE ANGÉLICA E BEIJA.)

ANGÉLICA - Ah! (PONDO A MÃO SOBRE O CORAÇÃO.)

QUINTINO - Muito estimo, porque tenho cá certas vistas a seu respeito... Quero casá-la...

MANUEL - (À PARTE) - Casar minha mulher!

QUINTINO - (CONTINUANDO) ...com o alferes de minha companhia.

MANUEL - Casá-la com o alferes?

QUINTINO - Sim. E tem que dizer?

MANUEL - Casá-la!

## O caixeiro da taverna

ANGÉLICA - E o que tens tu com isto?

MANUEL - (CONSTRANGENDO-SE) - Nada, nada! (À PARTE:) E então? (ALTO:) Pode casá-la com quem quiser. (À PARTE) O diabo é se ela se esquece que está casada comigo...

QUINTINO - Meu menino, esta espada corta muito bem orelhas... E guarde-os Deus. (SAI.)

## CENA VII

(MANUEL e ANGÉLICA)

MANUEL - Ora, aí está como se bota um homem a perder. Vem o diabo de um Ferrabrás destes provocá-lo.

ANGÉLICA - É um desafôro!

MANUEL - Se não fôsse o respeito que tenho a esta casa, tinha-lhe cortado com aquela pipa à cabeça.

ANGÉLICA - SOLDADO DE TARIMBA!

MANUEL - Case lá a irmã com quem quiser.

ANGÉLICA - Mas tu te surpreendeste, quando êle disse que a ia casar com alferes.

MANUEL - Foi surprêsa de compaixão. Quem pode ver de sangue frio entregar uma pobre menina daquelas a um extravagante como é o alferes?

ANGÉLICA - É extravagante?

MANUEL - Xi, como não faz idéia! Já foi coronel, e por causa de sua má cabeça tem descido de postos; breve soldado raso. Mas deixá-lo...

ANGÉLICA - Assim o querem, assim o tenham. Tratemos de nós.

MANUEL - (À PARTE) - Ai!

ANGÉLICA - Manuel, eu estou resolvida a dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa...

MANUEL - (À PARTE) - Meu Deus!

ANGÉLICA - Uma mulher, por si só, pouco representa. Que dizes do meu projeto?

MANUEL - Que só resta-me sair desta casa.

ANGÉLICA - Sair de minha casa?

MANUEL - Enquanto sois dela única senhora, sirvo com prazer; mas quando tiverdes um sócio, um homem estranho, não posso, não devo.

ANGÉLICA - (SORRINDO-SE) - Não sejas tão precipitado; espera um instante. Eu vou lá dentro escrever um papel; não te digo mais nada... Lerás... Espera, Manuelinho, espera; lerás... (SAI)

## CENA VIII

(MANUEL, só, e depois DEOLINDA.)

MANUEL - Será possível? Ouviram bem meus ouvidos suas palavras? ESPERA, Manuelino, espera e lerás. Ó dita! Ó fortuna! Serei sócio! Sócio! Oh, o prazer sufoca-me; daqui a uma hora já não serei caixeiro; vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano... Sócio! Palavra mágica! Ninguém, ninguém no mundo perturbará a minha felicidade.

DEOLINDA - (ENTRANDO) - Manuel?

MANUEL - Oh, que havia-me esquecido de minha mulher!

DEOLINDA - Ouve...

MANUEL - Vai-te embora!

DEOLINDA - Hem?

MANUEL - (EMPURRANDO-A) - Vai-te embora, diabo!

DEOLINDA - Assim me recebes? Queres que me vá?

MANUEL - Sim, sim.

DEOLINDA - Sabes que mais? Isto assim não pode durar...É preciso que declares o nosso casamento.

MANUEL - (COM CÓLERA E FALANDO BAIXO) - Desgraçada, cala-te, cala-te!

DEOLINDA - Se és meu marido...

MANUEL - (TAPANDO-LHE A BOCA COM A MÃO) - Cala-te, ou meto-te esta mão pela boca dentro.

DEOLINDA - (CHORANDO ALTO) - Hi! hi! hi!

MANUEL - (RAIVOSO E FALANDO ENTRE OS DENTES) - Olha que te mato!

DEOLINDA - Hi! hi! hi!

MANUEL - (NA MAIOR AFLIÇÃO) - Se minha ama chega, estou arranjado! (RAIVOSO) Mulher! (INDO ESPIAR A PORTA) Hoje me perco! Ainda estará escrevendo? (COM TERNURA) Deolinda...

DEOLINDA - Hi! hi! hi!

MANUEL - Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido, que tanto te ama.

DEOLINDA - Deixe-me! Hi! hi! hi!

MANUEL - (À PARTE) - Se a velha chega... (PARA DEOLINDA :) Amanhã ou depois tudo declararei, mas hoje, oh!

DEOLINDA - E até lá, meu irmão estará maltratando-me e atrapalhando-me para que eu me case com o alferes.

MANUEL - Mas tu não te casarás!

DEOLINDA - Quem sabe!

MANUEL - Quem sabe! Isso são graças? vê lá...

DEOLINDA - Tenho muito medo de meu irmão, e demais, meu marido está tão

misterioso...Não quer declarar-se...

MANUEL - E julgas que não tenho razões para assim fazer? Deolinda, minha cara DEOLINDA, escuta-me. Minha ama quer dar-me sociedade nesta venda, mas se ela souber que estou casado, tudo desfará.

DEOLINDA - E por que?

MANUEL - Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher e nem pode dirigir com todo o cuidado uma casa como esta. A mulher, os filhos, a família...tomam tempo...

DEOLINDA - E logo que fores sócio...

MANUEL - Oh, então declarar-me-ei...

DEOLINDA - Pois, esperarei, visto que esse é o motivo.

MANUEL - E que outro poderia ser ? Não és tu a minha querida mulher? Dá-me um abraço e vai-te embora. Dá-me.

(ABRE OS BRAÇOS PARA ABRAÇAR DEOLINDA. ANGÉLICA ENTRA NESTE MOMENTO.)

## CENA IX

(ANGÉLICA com um papel e os ditos.)

ANGÉLICA - Manuel? (MANUEL, OUVINDO A VOZ DE ANGÉLICA, FICA COM OS BRAÇOS ABERTOS NA AÇÃO DE ABRAÇAR DEOLINDA.)

DEOLINDA - Ah!

ANGÉLICA - O que é isto? Com os braços abertos?

MANUEL - (CONFUSO) - Estava mostrando o comprimento dos braços, para medida das camisas.

ANGÉLICA - Ah, a senhora é a Sra. Deolinda, que cose para fora e com muita honestidade?

DEOLINDA - Uma sua criada.

ANGÉLICA - E que vem em pessoa tomar medida aos fregueses... em suas próprias casas... e tudo com muita honestidade?...

MANUEL - (A PARTE) - Elas pegam-se! (ALTO:) Minha ama!

DEOLINDA - Minha senhora, a honestidade guarda-se em tôda a parte quando se é honesta; e quando não se é...

MANUEL - (PARA DEOLINDA) - Deolinda!

DEOLINDA - (CONTINUANDO) - ...mesmo sem que seja necessário sair-se de casa, praticam-se atos que envergonham...

ANGÉLICA - O quê?

MANUEL - (PARA DEOLINDA) - Cala-te!

DEOLINDA - ...e dizem-se palavras indignas de uma senhora de bem...

ANGÉLICA - A menina fala comigo?

DEOLINDA - ...e só próprias de uma vendelhona!

ANGÉLICA - Insolente!

MANUEL - Minha ama!

ANGÉLICA - Já desta porta para fora...Já!

DEOLINDA - (COM ZOMBARIA) - Ofendi a duquesa?

ANGÉLICA - (QUERENDO IR SÔBRE ELA.) - Desavergonhada!

MANUEL - (RETENDO-A) Prudência!

DEOLINDA - Será ela...

MANUEL - (AFASTANDO-AS) - Prudência... Senhora minha ama! Sra. Deolinda!

ANGÉLICA - Deixa-me ensinar esta malcriada!

DEOLINDA - Malcriada será ela, velha de uma figa!

ANGÉLICA - Velha? (ANGÉLICA E DEOLINDA FORCEJAM PARA IR UMA CONTRA A OUTRA.)

MANUEL - (PARA DEOLINDA, ENGANANDO-SE) - Senhora minha ama! (PARA

ANGÉLICA, DO MESMO MODO:) Deolinda! Diabo!...

## CENA X

(FRANCISCO e os ditos.)

FRANCISCO - Então, o que temos?

MANUEL - Prudência, que aí vem gente.

FRANCISCO - Sra. D. Angélica... (À PARTE, VENDENDO DEOLINDA:) Deolinda por cá? Mau!

ANGÉLICA - Sr. Francisco, isto é um horror, um desafôro! O Sr. Manuel traz as suas costureiras - costureiras! - para casa e elas vem insultarem-me.

MANUEL - Eu, senhora minha ama? Eu, Manuel Pacheco? Pois bem, hoje mesmo sairei desta casa.

ANGÉLICA - Saíres de minha casa?

MANUEL - Desconfiam de mim...Que faço aqui? Não faço nada. Vou-me, vou-me com cem mil milhões de diabos!

ANGÉLICA - Manuel!

MANUEL - Adeus, senhora.

ANGÉLICA - (RETENDO-O) Não, tu não sairás... não posso... meu negócio não pode estar sem ti.

MANUEL - Deixe-me!

ANGÉLICA - Não! Sr. Francisco, ajude a segurá-lo

FRANCISCO - Então, Manuel, o que é isto?

DEOLINDA - Desgraçada de mim! Ela o ama! (VAI A SAIR PELO FUNDO.)

ANGÉLICA - Manuel, Manuel, não me abandones...

## CENA XI

(QUINTINO e os ditos.)

QUINTINO - (ENCONTRANDO-SE A PORTA COM DEOLINDA) - Espere lá.

ANGÉLICA - Quem é?

MANUEL - (À PARTE) - Meu cunhado...

FRANCISCO - (À PARTE) - Temos!...

QUINTINO - (TRAZENDO DEOLINDA PARA FRENTE.) - Preciso de uma explicação.

DEOLINDA - Deixe-me!

ANGÉLICA - (PARA QUINTINO) - Mas o que é isto, senhor?

MANUEL - Sim, o que é isto? Assim se entra por uma casa?

QUINTINO - (PARA DEOLINDA, SEM DAR ATENÇÃO AOS DEMAIS) - Não estavas em casa. Muito estimo encontrar-te aqui. É preciso que todos me ouçam: Deolinda, disseram-me que tu te casaste ocultamente...

DEOLINDA - Eu?

MANUEL - (À PARTE) - Mau!

ANGÉLICA - Casada!

QUINTINO - Não procures enganar-me; estou bem informado.

DEOLINDA - Pois bem, confessarei: Sou casada.

QUINTINO - Ah, confessas?

MANUEL - (À PARTE) - Estou perdido!

FRANCISCO - (À PARTE E AO MESMO TEMPO) - No que dará isto?

ANGÉLICA - É possível?

QUINTINO - Agora quero saber quem é teu marido.

DEOLINDA - Ah, ainda não sabe? Pois então pergunta ali o Sr. Manuel.

MANUEL - A mim?

ANGÉLICA - (AO MESMO TEMPO) - A ele?

DEOLINDA - Sim; diga a meu irmão quem é meu marido.

MANUEL - Que eu diga?

ANGÉLICA - Que horrível desconfiança...E esta escritura? (QUERENDO RASGAR O PAPEL)

MANUEL - (PEGANDO-LHE NA MÃO) - Espere!

DEOLINDA - (A PARTE) - O que ia eu fazendo?

MANUEL - (PARA QUINTINO) - Senhor sargento, eu queria guardar segredo, porque assim mo pediram; mas como o negócio está meio divulgado, falarei. Fui padrinho do casamento...

ANGÉLICA - Tu?

## O caixeiro da taverna

MANUEL - E assim, sei quem é o marido.

QUINTINO - E quem é?

MANUEL - O Sr. Francisco.

FRANCISCO - Hem?

DEOLINDA - O que diz?

ANGÉLICA - (AO MESMO TEMPO) - O sr. Francisco?

QUINTINO - Ah, o senhor é meu cunhado?

FRANCISCO - Eu, senhor?

MANUEL - (ABRAÇANDO-SE COM FRANCISCO) - Amigo, perdoa se falei... (À PARTE PARA ELE:) Salva-me, Chico, salva-me! (ALTO) O negócio estava meio sabido... (À PARTE:) Dize que te casaste...

FRANCISCO - Mas, se tu...

MANUEL - Está zangado porque falei. (A PARTE) Salva-me, Chico!

FRANCISCO - (À PARTE) Tranqüiliza-te... (ALTO:) Enfim, como já se sabe, que remédio?...Estou casado com a senhora... A senhora... é minha mulher... (A PARTE) Já que assim quer seu marido...

ANGÉLICA - (À PARTE) - Aqui há mistério...

QUINTINO - O que está feito, está feito. Lograram-me. Cunhado, aperta esta manopla. Quisera antes que a Deolinda se casasse com o alferes; mas enfim, também és bom rapaz. Vou ao "Gradil" encomendar um jantar; há-de haver bebedeira grossa. Com licença da companhia; volto.

(VAI-SE)

MANUEL - (À PARTE) - Escapei de boas!

ANGÉLICA - Cor que, o sr. Francisco é casado!

FRANCISCO - O homem sacrifica-se, as vezes.

ANGÉLICA - (PARA MANOEL) - E nunca me disseste nada.

MANUEL - Segrêdo de um amigo.

DEOLINDA - (A PARTE) Que papel faço eu aqui?

ANGÉLICA - (À PARTE) - Estou desconfiada; aqui engana-se alguém. Ah, se for a mim... (ALTO:) Manuel, vem comigo; O Sr. Francisco quererá ficar só com sua mulher...

MANUEL - Só, com ela!

ANGÉLICA - E o que tem isso?

MANUEL - (À PARTE) - Pergunta o que tem... (ALTO:) Nada, nada!

ANGÉLICA - Pois segue-me. (A PARTE:) Há mistério!

MANUEL - Eu vou. (A PARTE, PARA FRANCISCO:) Chico!... (ANGÉLICA SAI. MANUEL ACOMPANHA ANGÉLICA, FAZENDO SINAIS PARA FRANCISCO)

## CENA XII

(FRANCISCO E DEOLINDA)

FRANCISCO - Pobre Manuel, a quanto o obriga a ambição!

DEOLINDA - Belo marido tenho eu, que me entrega a outro.

FRANCISCO - Então, Sra. Deolinda, que me diz a esta? Deve-me estar agradecida; salvei seu marido.

DEOLINDA - Que marido! Envergonha-se de ter-me por mulher.

FRANCISCO - Não é vergonha, é mêdo.

DEOLINDA - Mêdo? Antes me tivesse casado com outro.

FRANCISCO - Não me quiseste a mim por marido...

DEOLINDA - Vou-me embora.

FRANCISCO - (RETENDO-A) - Espere.

DEOLINDA - Não posso mais estar aqui.

FRANCISCO - Devagar, não comprometa seu marido.

DEOLINDA - Deixe-me.

FRANCISCO - Sinto passos; aí vem ela. Dê-me um abraço. (ABRAÇA-A)

DEOLINDA - (ESFORÇANDO-SE POR SAIR DE SEUS BRAÇOS) - Senhor!

## CENA XIII

(Os ditos, Angélica, seguida de Manuel, que traz algumas garrafas. Param à porta vendo FRANCISCO abraçar Deolinda.)

FRANCISCO - Não se espante. Isto é por conta dêle. Abrace-me, que ela nos vê.

DEOLINDA - (VENDO MANUEL ) - Ah, pois bem, abracemo-nos. (ABRAÇA-O) Assim me vingarei dêle.

MANUEL - (À PARTE) - Isto não pode ser!...

ANGÉLICA - (RETENDO-O) - E que te importa que o Sr. Francisco abrace sua mulher?

MANUEL - É indecente!

ANGÉLICA - Deixa-os lá e vem comigo. (VAI ATRAVESSANDO A CENA E SAI. MANUEL VAI ACOMPANHANDO ANGÉLICA.)

DEOLINDA - (CORRENDO E RETENDO MANUEL NO MOMENTO DÊSTE SAIR) - Vem cá!

MANUEL - Traidora!

DEOLINDA - Ah, está zangado?

MANUEL - Abraçando-o!

DEOLINDA - Fiz muito bem; é para teu ensino.

FRANCISCO - Pateta, não vêes que era para melhor enganar tua ama?

MANUEL - Ah, era para isso? Perdoa-me, DEOLINDA. Chico, pega nestas garrafas. (DANDO-AS A FRANCISCO:) Se soubesses, Deolinda, o que tenho sofrido hoje!

FRANCISCO - Agora abracem-se.

MANUEL - Perdoa-me se te dei outro marido? Era para nosso bem. Dá cá um abraço.

DEOLINDA - (ABRAÇANDO-O) - Sou muito boa em perdoar-te! (FRANCISCO, ENQUANTO OS DOIS SE ABRAÇAM, DESARROLHA UMA GARRAFA E BEBE.)

MANUEL - Minha mulherzinha, aperta!

## XIV

(ANGÉLICA e os ditos.)

ANGÉLICA - (DA PORTA) Que escândalo! Que escândalo! (FRANCISCO, MANUEL E DEOLINDA FICAM ESPANTADOS.) Assim deixa abraçar sua mulher? E vê isso bebendo? Que imoralidade! Que escândalo!

FRANCISCO - Foi por distração e sede.

MANUEL - É afilhada... Sou padrinho, e bem vê...

ANGÉLICA - Sim é afilhada! (PARA FRANCISCO:) O senhor, pelo que vejo, não é ciumento...E a menina...Está bonito!

FRANCISCO - Entre amigos não deve haver ciúmes - e quando há confiança na amizade, bebe-se.

ANGÉLICA - E dorme-se...Tem razão. Mas olhe que há muita gente que assim se perde pela confiança que tem nos amigos... (À PARTE) Eu saberei como isto é. (PARA MANUEL:) Vai acabar de arrumar as garrafas.

MANUEL - (À PARTE, PARA FRANCISCO) E cuidado com a bicha. (VAI-SE)

ANGÉLICA - (PARA FRANCISCO) - Tinha que lhe dar uma palavra... Mas ao senhor só.

FRANCISCO - Deolinda, vai-me esperar lá em casa.

DEOLINDA - Eu vou. (A PARTE, PARA FRANCISCO) - Diga a Manuel que lá o espero. (SAI)

## CENA XV

(ANGÉLICA, E FRANCISCO, E DEPOIS MANUEL E QUINTINO.)

ANGÉLICA - (À PARTE) - Hei-de saber como isto é... Empregarei um meio...

FRANCISCO - A Sra. Angélica está tão pensativa!

ANGÉLICA - E tenho motivos para isso. Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor.

FRANCISCO - Há muito que isso desejo.

ANGÉLICA - O senhor tem-me dado a entender que minha mão lhe seria agradável...

FRANCISCO - Senhora...

ANGÉLICA - Não tenho correspondido às suas finezas, porque, enfim...uma mulher vexa-se...Esperava poder confessar um dia esse segredo, mas ah, enganei-me, enganei-me!

FRANCISCO - D. Angélica!

ANGÉLICA - Foi uma zombaria! Eu, que o amava...

FRANCISCO - A mim?

ANGÉLICA - Sim, ingrato, a ti.

FRANCISCO - Oh! (À PARTE:) O Manuel que se arranje como puder; eu falo.

ANGÉLICA - A mim, semelhante traição! A mim, que já havia feito esta escritura de casamento; vê... Só o nome está em branco. O lugar era para o teu.

FRANCISCO - Dá-me!

ANGÉLICA - Agora de nada serve. (QUER RASGAR.)

FRANCISCO - Não rasgue!

ANGÉLICA - Estás casado.

FRANCISCO - Casado! (À PARTE) Leve o diabo o Manuel! (ALTO:) Angélica, quem te disse que estava casado, mentiu.

ANGÉLICA - Mentiu?

FRANCISCO - Eu não estou casado.

ANGÉLICA - Não estás casado? E quem é o marido de Deolinda?

FRANCISCO - Não lhe posso dizer, mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci. Eis-me a seus pés! (AJOELHA) Dê-me essa promessa.

ANGÉLICA - Levanta-te. (QUINTINO APARECE À PORTA DO FUNDO E FICA SURPREENDIDO, VENDO FRANCISCO AOS PÉS DE ANGÉLICA.)

FRANCISCO - Não me levantarei enquanto não me der a sua palavra que me fará ditoso.

QUINTINO - O marido de minha irmã ao pés de outra mulher?

ANGÉLICA - Lá de fora podem ver-nos...

FRANCISCO - E que vejam! Não serei eu seu esposo? (MANUEL APARECE À PORTA DA DIREITA E, VENDO FRANCISCO DE JOELHOS. FICA ESTUPEFATO.)

ANGÉLICA - Talvez, mas levanta-te.

FRANCISCO - Não.

MANUEL - Muito bem, muito bem! Amigo falso!

FRANCISCO - (LEVANTANDO-SE) - Ah!

ANGÉLICA - Ah!

MANUEL - Muito bem!

FRANCISCO - Desculpa-me...Ela me ama e eu também a amo.

QUINTINO - (QUE NESSE TEMPO TEM-SE SE APROXIMADO, SEGURA A FRANCISCO PELA GOLA DA JAQUETA, DIZENDO) - Ah! Tu a amas? E minha irmã, tua mulher?

FRANCISCO - Ai!

QUINTINO - Assim a enganas, patife?

FRANCISCO - Sua irmã não é minha mulher.

QUINTINO - Negas?

ANGÉLICA - (PARA MANUEL) - Quem é o marido?

MANUEL - Não sei. (ANGÉLICA TOMA A MANUEL PELO BRAÇO. QUINTINO FAZ O MESMO A FRANCISCO, TODOS FALAM AO MESMO TEMPO:)

ANGÉLICA - (PARA MANUEL) - Quem é o marido? Para que me enganaste? Dize já, quero saber. Ah, não dizes? Eu me vingarei, me vingarei.

MANUEL - (PARA ANGÉLICA) - Não sei...Posso lá saber quem é o marido de tôdas as mulheres? Disse o que me disseram; pode ser que me engane. Senhora minha ama, deixe-me, assim não nos entendermos.

QUINTINO - (PARA FRANCISCO, A QUEM AMEÇA COM A ESPADA) - Pensas que assim hás-de mangar com o Sargento Quintino? Primeiro hei-de tirar-te as tripas, pô-las ao sol. Enganar minha irmã! Tira as mãos... enfio-te...mariola... tira as mãos!

FRANCISCO - (ESFORÇANDO-SE PARA SAIR DAS MÃOS DE QUINTINO) - Deixe-me, não sou seu cunhado, já lhe disse. Ai, ai, não me mate! Ai, quem me acode? Juro que não é minha mulher! Ai, ai! (TODOS ACABAM GRITANDO)

## CENA FINAL

(ANTÔNIO E JOSÉ, ARMADOS DE ACHAS DE LENHA, DEOLINDA E OS DITOS.)

ANTÔNIO - (ENTRANDO) - O que aconteceu?

DEOLINDA - O que é, Quintino?

ANTÔNIO - Senhora minha ama!

DEOLINDA - O que foi?

QUINTINO - (PARA DEOLINDA) - O que foi? Vim encontrar teu marido aos pés desta senhora.

DEOLINDA - Meu marido de joelhos a seus pés?

QUINTINO - Sim, dizendo que a amava.

DEOLINDA - (INDO PARA MANUEL) - Traidor!

MANUEL - Hem?

DEOLINDA - Assim é que me guardavas fidelidade?

ANGÉLICA - Ah!

QUINTINO - Olha que te enganas!

DEOLINDA - Não, não me engano; êste é o meu marido.

QUINTINO - Seu marido?

ANGÉLICA - (AO MESMO TEMPO) O Seu marido?

MANUEL - (À PARTE) - Ai, ai, ai!

FRANCISCO - (À PARTE E AO MESMO TEMPO) - Pobre Manuel!

ANGÉLICA - (PARA MANUEL) - Ah, tu eras casado e enganavas-me!

DEOLINDA - A mim é que enganava.

QUINTINO - Então, com todos os diabos, quem é aqui meu cunhado?

MANUEL - (APONTANDO PARA FRANCISCO) - É êle! É ele!

FRANCISCO - (APONTANDO PARA MANUEL AO MESMO TEMPO) - É êle! É êle!

QUINTINO - (PARA DEOLINDA) - Ambos?

ANGÉLICA - Espere Sr. Sargento, que eu porei estas coisas em ordem. (Á PARTE, PARA MANUEL:) - Ingrato, tudo está explicado e eu me vingarei!

MANUEL - Minha ama!

ANGÉLICA - (REPELINDO-O COM GESTO DESPREZADOR) - Sr. Francisco, aqui está a escritura de nosso casamento. (DÁ-LHE O PAPEL.)

FRANCISCO - Quanto sou ditoso!

MANUEL - Mas senhora...

ANGÉLICA - (INTERROMPENDO-O) - O Sr. Manuel terá a bondade de procurar outro arranjo, porque hoje deixa de ser o meu caixeiro. Tenho um marido e nêle um sócio.

MANUEL - Um sócio! (PARA FRANCISCO, NA MAIOR DESESPERAÇÃO.) Amigo infiel e pérfido, és a causa da minha desgraça e perdição!

FRANCISCO - Eu, Manuel?

MANUEL - Sim.

FRANCISCO - Fiz o que pude por ti, fui marido de tua mulher...Tu és o culpado, eu não.

MANUEL - (VOLTANDO-SE PARA DEOLINDA) - Então foste tu, mulher traidora!

DEOLINDA - Eu? Não guardei segredo? Queixa-te de ti; de mim, não.

MANUEL - (PARA QUINTINO) - Então foste tu, barbaças do diabo!

QUINTINO - (AMEAÇANDO-O) - Passe de largo!

MANUEL - (VOLTANDO-SE PARA ANGÉLICA) - Ou tu, carocha do inferno!

ANGÉLICA - Maroto! Já por esta porta fora e vai ser caixeiro de Belzebu!

MANUEL - (COMO LOUCO) - Caixeiro, sempre caixeiro! Oh, afastem-se de mim, que estou louco, desesperado, furibundo! Para longe! Serei sempre caixeiro, caixeiro, caixeiro! Pagarei sempre imposto, como uma saca de café, um burro, um cavalo. Não sou nada no mundo, Cortem-me esta cabeça, pendurem-me na porta do açougue. Sou um boi; paguei direitos na barreira. Sou um boi. (ASSIM DIZENDO, PRINCIPIA A BERRAR COMO UM BOI.)

TODOS - Manuel! (MANUEL BERRA)

DEOLINDA - Meu Deus, está louco!

TODOS - Louco! (MANUEL BERRA)

DEOLINDA - Que desgraça!

FRANCISCO - (AO MESMO TEMPO) Coitado!

QUINTINO - (AO MESMO TEMPO) - Pobre homem!

ANGÉLICA - (AO MESMO TEMPO) - Faz-me pena!

MANUEL - (TRAZ ANTÔNIO PELO BRAÇO PARA A FRENTE DO TEATRO) - Antônio, eis-me de joelhos a teus pés. (AJOELHA) Lembra-te da amizade que nos uniu e faze-me o último favor. (ABRE A CAMISA) Enterra-me no coração essa acha de lenha, traspassa-me o peito com ela. Não queres?

ANGÉLICA - Manuel!

MANUEL - Quem me chama?

ANGÉLICA - É tua ama! Manuel, esqueço-me da afronta que me fizeste e lembrar-me-ei somente dos serviços que me tens prestado...Será nosso sócio, não é assim, Chiquinho?

FRANCISCO - Sim, serás nosso sócio.

DEOLINDA - Serás sócio! (MANUEL LEVANTA-SE POUCO A POUCO, COMO PROCURANDO FIXAR-SE NO SENTIDO DAS PALAVRAS QUE LHE DIZEM:)

ANGÉLICA - Serás nosso sócio, ficarás conosco. Eu te perdôo.

MANUEL - Sócio! Ouviram bem meus ouvidos? SEREI sócio! (CAINDO DE JOELHOS E LEVANTANDO AS MÃOS PARA O CÉU:) Oh, meu Deus, está satisfeita a minha ambição! (TODOS FALAM AO MESMO TEMPO:)

DEOLINDA - Está salvo!

O caixeiro da taverna

QUINTINO - Pobre sócio!

ANGÉLICA - Pobre Manuel!

FRANCISCO - Pobre amigo!

MANUEL - Serei sócio! (CAI O PANO)

FIM



O caixeiro da taverna